

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

JÚLIA MEIRELLES TINTI

Terapia ocupacional social e infâncias:
essa interface na produção e na visão da
Rede Metuia - Brasil

SÃO CARLOS -SP
2021

JÚLIA MEIRELLES TINTI

Terapia ocupacional social e infâncias:
essa interface na produção e na visão da Rede Metuia - Brasil

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso de Graduação em Terapia Ocupacional da
Universidade Federal de São Carlos, para
obtenção do título de Bacharel em Terapia
Ocupacional.

Orientadora: Profa. Dra. Roseli Esquerdo Lopes

São Carlos-SP
2021

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus por ter me permitido chegar até aqui, aos meus pais e avós por todo o incentivo, à Profa. Roseli por sempre ter ouvido e dado asas às minhas ideias. Agradeço a todos que estiveram comigo, namorado, amigos, terapeutas, durante todo esse processo me escutando, dando apoio e coragem. Por fim, agradeço a todos os colaboradores da pesquisa, aos amigos do Núcleo Metuia UFSCar e ao CNPq por ter dado os subsídios necessários para a realização da mesma.

RESUMO

Introdução: Os estudos acadêmicos em torno da criança e da infância, inicialmente, voltaram-se à compreensão do desenvolvimento infantil e de processos que levam à vida adulta, calcados em perspectivas fortemente neuropsicobiológicas. Nas últimas décadas, vem crescendo uma produção que busca apreender a criança como um ator social, protagonista da sua própria história, compondo um conjunto de estudos socioculturais que passam a designar as “infâncias”. Na terapia ocupacional, porém, ainda são escassos os estudos com abordagens socioculturais. No recorte da terapia ocupacional social, pouco é encontrado especificamente voltado às infâncias, mesmo sendo as crianças um segmento muito relevante quando se fala em vulnerabilidade social e pobreza no Brasil, focos dessa subárea. Os principais materiais encontrados nesse âmbito documentam intervenções realizadas nos anos iniciais do Projeto Metuia. **Objetivo:** Identificar e compreender o lugar ocupado pelas infâncias, sobretudo as infâncias em situação de vulnerabilidade social, nos estudos e intervenções realizadas pela vertente da terapia ocupacional social, principalmente aqueles advindos da Rede Metuia no Brasil. **Desenvolvimento:** Além da revisão da literatura, o material coletado em doze entrevistas realizadas com coordenadores e pesquisadores dos Núcleos Metuia pelo Brasil permitiu uma apreensão dos motivos da ausência relativa das crianças pobres nas ações desses Núcleos, onde as juventudes pobres se destacam. **Discussão:** Dentre os principais motivos, pontua-se a bagagem teórico-prática trazida da formação recebida no Núcleo Metuia UFSCar, por onde todos os coordenadores passaram e que é pioneiro no trabalho com as juventudes na terapia ocupacional em geral. Igualmente, pontua-se que a ênfase dada às juventudes, decorre do fato destas ocuparem um não-lugar frente às experiências e referências trazidas pela terapia ocupacional, onde, em contrapartida, as infâncias recebem maior destaque, especialmente nas áreas do desenvolvimento e de domínios da saúde; todavia estes não abordam problemáticas sociais como diversidade cultural, pobreza e vulnerabilidade, cidadania, entre outras temáticas que são majoritariamente tratadas pela terapia ocupacional social. Assim, profissionais que se voltem às demandas das infâncias, numa perspectiva terapêutico-ocupacional social, precisariam articular referenciais mais específicos. Por outro lado, ainda que as intervenções realizadas não tenham as crianças como foco, estas estão e/ou aparecem nos espaços mais comuns da prática, territórios/comunidades, centros comunitários, espaços de convivência, tornando-se, muitas vezes, um contato, um elo, uma “porta de entrada” para que equipes acessem outros sujeitos. Como possíveis ações terapêutico-ocupacionais sociais a serem realizadas com as infâncias foram referidas ações coletivas, acompanhamentos individuais e institucionais, além de articulações na dimensão política, mas que não podem se abster de dar devida atenção às singularidades das crianças em suas diferentes realidades. **Conclusão:** Por meio deste estudo foi possível perceber que as infâncias, sobretudo aquelas em situação de vulnerabilidade social, não estão totalmente distantes das discussões da terapia ocupacional social e da Rede Metuia, uma vez que demandas que lhes concernem tangenciam suas produções até aqui; além disso, foi identificável também que essa é uma temática de interesse atual de alguns pesquisadores, embora de modo mais individual, agregando perspectivas de realização de estudos e intervenções.

Palavras-chave: Infâncias. Vulnerabilidade Social. Terapia Ocupacional. Terapia Ocupacional Social.

ABSTRACT

Introduction: Academic studies on children and childhood initially focused on understanding child development and the processes that lead to adulthood, based on strongly neuropsychobiological perspectives. In recent decades, a production that seeks to apprehend children as a social actor, protagonist of their own history, has been growing, composing a set of sociocultural studies that come to designate “infancy”. In occupational therapy, however, studies with sociocultural approaches are still scarce. In terms of social occupational therapy, little is found specifically aimed at childhood, even though children are a very relevant segment when it comes to social vulnerability and poverty in Brazil, focuses of this sub-area. The main materials found in this context document interventions carried out in the early years of the Metuia Project. **Objective:** To identify and understand the place occupied by childhood, especially children in situations of social vulnerability, in studies and interventions carried out by the social occupational therapy branch, especially those arising from the Metuia Network in Brazil. **Development:** In addition to the literature review, the material collected in twelve interviews carried out with coordinators and researchers of the Metuia Centers throughout Brazil allowed an apprehension of the reasons for the relative absence of poor children in the actions of these Centers, where poor youth stand out. **Discussion:** Among the main reasons, there is the theoretical-practical baggage brought from the training received at the Metuia UFSCar Nucleus, where all the coordinators went and which is a pioneer in working with youth in occupational therapy in general. Likewise, it is pointed out that the emphasis given to youths stems from the fact that they occupy a non-place in front of the experiences and references brought by occupational therapy, where, on the other hand, childhoods receive greater prominence, especially in the areas of development and domains. of health; however, these do not address social issues such as cultural diversity, poverty and vulnerability, citizenship, among other issues that are mostly addressed by social occupational therapy. Thus, professionals who turn to the demands of childhood, from a social therapeutic-occupational perspective, would need to articulate more specific references. On the other hand, although the interventions carried out do not focus on children, they are and/or appear in the most common spaces of practice, territories/communities, community centers, living spaces, often becoming a contact, a link, a “gateway” for teams to access other subjects. As possible social therapeutic-occupational actions to be carried out with childhoods, collective actions, individual and institutional follow-ups were mentioned, as well as articulations in the political dimension, but which cannot refrain from giving due attention to the singularities of children in their different realities. **Conclusion:** Through this study, it was possible to perceive that childhoods, especially those in a situation of social vulnerability, are not totally distant from discussions of social occupational therapy and the Metuia Network, since the demands that concern them touch their productions so far; in addition, it was also identifiable that this is a topic of current interest to some researchers, although in a more individual way, adding perspectives for conducting studies and interventions.

Keywords: Childhoods. Social Vulnerability. Occupational Therapy. Social Occupational Therapy.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Breve Perfil Acadêmico dos Docentes, Profissionais e Pesquisadores Colaboradores

LISTA DE ABREVIATURAS

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PUC – Pontifícia Universidade Católica

UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

UFSCar – Universidade Federal de São Carlos

UNB – Universidade de Brasília

UNCISAL – Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas

UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
1.1	TERAPIA OCUPACIONAL SOCIAL E INFÂNCIAS	14
2	MATERIAIS E MÉTODOS	16
3	RESULTADOS E DISCUSSÃO	18
3.1	APRESENTAÇÃO DOS SUJEITOS ENTREVISTADOS	18
3.2	LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO	19
3.3	GRANDE PRESENÇA DAS JUVENTUDES	22
3.4	INFÂNCIAS E A REDE METUIA	25
3.5	INFÂNCIAS, TERAPIA OCUPACIONAL SOCIAL E POSSIBILIDADES	29
4	CONCLUSÃO	33
5	REFERÊNCIAS	35
6	ANEXOS	
6.1	Anexo A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	38
6.2	Anexo B - Roteiro de Entrevista Virtual	42

1. INTRODUÇÃO

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) é resultado de muitos movimentos sociais que se organizaram na luta pelo direito de crianças e adolescentes no Brasil (LOPES; MALFITANO; SILVA, 2006), assim é que entre nós *a infância*, legalmente, é o período de vida que vai do nascimento até os 12 anos incompletos, quando se inicia a adolescência¹.

Souza e Moraes nos trazem que o ECA (2016, p. 323 - 330):

“[...] institui a universalização dos direitos para as crianças e adolescentes brasileiros, estabelecendo os direitos básicos para todos, prevendo a proteção integral e a implantação de uma gama de serviços que possibilitem o acesso e a garantia desses direitos. Ele define que é dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade, e à convivência familiar e comunitária, reconhecendo uma condição peculiar de crianças e do adolescente como pessoa em desenvolvimento.”

É importante destacar a diferença quanto ao uso dos termos ‘infância’ e ‘infâncias’. O termo no singular faz referência a todas as crianças, sendo que, de acordo com Sarmiento (2005, p.363), “a infância é concebida como uma categoria social do tipo geracional por meio da qual se revelam as possibilidades e os constrangimentos da estrutura social”. Numa perspectiva sociológica, o termo infâncias no plural passa a ser utilizado para firmar a multiplicidade de possibilidades de crianças e de como/ elas vivenciam suas infâncias em todo o mundo, dada a compreensão que as crianças são diferentes, considerando o contexto sócio-histórico, econômico e cultural em que vivem (ABRAMOWICZ, 2015).

No Brasil, as famílias são as principais responsáveis pelos aspectos afetivos e materiais das crianças, sendo estes imprescindíveis para um bom

¹ Não nos interessa aqui entrar no debate em torno do termo, mas pontuamos sua existência e prevalência da menção à “adolescentes” quando de abordagens advindas do campo da psicologia e do termo “jovens” quando advindas de um recorte sociológico (SILVA; LOPES, 2009). Todavia, o ECA, no âmbito jurídico, usa o termo adolescente para falar de uma faixa etária que vai de 12 anos a 18 anos incompletos (BRASIL, 1990).

desenvolvimento infantil. Porém, a realidade social do país não favorece que uma boa parte das famílias possa lidar devidamente com essas necessidades, dada a grande desigualdade social que atravessa a nossa sociedade e que expõe famílias e suas crianças a situações de pobreza (GONTIJO; MEDEIROS, 2009).

No cenário brasileiro, de acordo com as estimativas divulgadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), era previsto que no ano de 2019 o país contaria com 69,3 milhões de crianças e adolescentes/jovens (considerando a faixa de 0 a 19 anos de idade), com uma maioria concentrada na região Sudeste. Destes, 81,7% vivem em domicílios urbanos e 18,3% em domicílios rurais. Através desta mesma estimativa do IBGE, temos que, referente à cor/raça/etnia, cerca de 33 milhões de crianças e adolescentes são considerados pardos, 30 milhões brancos, 4 milhões pretos, 657 mil amarelos e 416 mil são indígenas (MIRANDA; CINTRA, 2020).

Ainda conforme essa fonte, tomando-se crianças e adolescentes de 0 a 14 anos de idade, temos que 46,8% destes viviam em situação domiciliar de baixa renda no ano de 2018; sendo cerca de 10,2 milhões vivendo em situações de pobreza e 9,3 milhões vivendo em situações de extrema pobreza (MIRANDA; CINTRA, 2020).

O estado de vulnerabilidade social pressupõe a presença da precariedade do trabalho aliada à fragilidade do vínculo social, essas características descrevem a situação de uma grande fração da população brasileira, conforme Lopes (2007), sendo que:

São diversos os fatores que confluem para a dissociação social. Extrema desigualdade, a migração para os grandes centros urbanos, precariedade de moradia, características históricas da formação da família nuclear brasileira, em um contexto de precarização do trabalho, levam, muitas vezes, a uma situação de rupturas de participação e da coesão social (LOPES, 2007, .249).

Apoiando-nos no sociólogo francês Robert Castel (1994; 1998), temos a possibilidade de apreender as situações de privação como o resultado decorrente de posições no mundo do trabalho (com uma série de posições do emprego estável frente à ausência total de trabalho remunerado, percorrendo formas precárias, intermitentes de ocupação) e nas que se referem à inserção relacional (também

com uma variedade de posições entre redes sólidas de sociabilidade e o total isolamento social). Pela interpretação de Lopes (2007, p.249, grifos da autora):

O recorte desses dois eixos circunscreve zonas diferentes do espaço social: zona de integração – onde se dispõe de garantias de um trabalho permanente e se pode mobilizar suportes relacionais sólidos; zona de *desfiliação* – neste espaço se conjuga ausência de trabalho e isolamento social implicando uma dupla ruptura das redes de sociabilidade e participação; zona de vulnerabilidade – que associa precariedade do trabalho e fragilidade relacional.

Os limites entre as zonas são porosos e a *desfiliação* se sustenta pela precariedade do trabalho e fragilidade relacional, sendo assim, a *desfiliação* se retroalimenta da vulnerabilidade, que tende a crescer em cenários econômicos desfavoráveis, nas situações de conflitos, evidentes ou silenciados como no nosso país, na miséria e na escassez (LOPES, 2007).

Em contrapartida, se existir uma inclusão relacional sociofamiliar pode ocorrer certa minimização dos efeitos de uma não integração pelas relações de trabalho (emprego). Isto é, o âmbito econômico, que nas classes populares se relaciona principalmente com o trabalho/emprego, por mais que tenha uma grande importância e defina vulnerabilidades, não necessariamente leve à *desfiliação* (LOPES, 2007).

Ainda, segundo Castel (1998), há um quarto espaço social, a zona de assistência, que associa o não-trabalho por incapacidade e uma determinada inserção social assegurada, gerando uma dependência segura e integrada.

Desse modo, as redes sociais de suporte podem ser descritas “[...] de forma dinâmica, processual, onde sua presença, rupturas maiores ou menores e ausência são resultados de modalidades de existência social que vão de um pólo de autonomia a um pólo de dependência” (LOPES, 2007, p.250). Para atuar nesses processos, os indivíduos, a sociedade civil e o poder público precisam fomentar, fortalecer e consolidar redes sociais de suporte.

Tomando-se os dados aqui trazidos, temos que milhões de crianças sofrem com os processos de vulnerabilidade social ou até mesmo com a *desfiliação*, influenciando na oferta de recursos necessários para um bom desenvolvimento e vivências de uma infância mais plena; ademais, com frequência, essa situação leva

ao trabalho infantil, interferindo no direito da criança à educação e ao lazer (GONTIJO; MEDEIROS, 2009; SOARES; ALMEIDA, 2016).

A terapia ocupacional frente à população infantil busca colaborar com aspectos do desenvolvimento, autonomia e participação na vida social. Gomes e Oliver (2010, p.122), através de uma revisão bibliográfica, apresentam que:

Na literatura, os temas da infância estudados por terapeutas ocupacionais são a atenção às crianças hospitalizadas, ao neonato de risco, às crianças com deficiência intelectual, com transtorno emocional, com transtorno de coordenação, com desordens neuromotoras e com atraso no desenvolvimento. Há ainda estudos sobre crianças em situação de risco social, além da inclusão escolar e da importância do brincar.

A população infantil possui diversas particularidades podendo receber atuação terapêutico-ocupacional em todas elas, mas vemos que as atuações acontecem principalmente nas situações de alterações no desenvolvimento, prevenção de doenças, cuidados e tratamentos de reabilitação, muitas vezes tratando de crianças com alguma deficiência física ou mental, possibilitando a visualização da existência de um grande campo de trabalho com a população infantil para o terapeuta ocupacional (GOMES; OLIVER, 2010).

Encontramos registros da terapia ocupacional operando também em relação à população em questão frente à situação de risco e/ou vulnerabilidade social, processos de adoecimento e hospitalização, passando pela inclusão escolar e estudos sobre o brincar (GOMES; OLIVER, 2010).

Como vimos anteriormente, cerca de 46,8% das crianças que vivem no Brasil se encontram em situação de pobreza e até mesmo de extrema pobreza, o que as coloca em situações de vulnerabilidade social, interferindo na garantia de usufruir seus direitos e favorecendo processos de ruptura de suas redes de suporte.

Na terapia ocupacional há uma subárea denominada terapia ocupacional social, cujos desdobramentos iniciais se localizavam no final da década de 1970, quando um grupo de terapeutas ocupacionais começou a buscar novos referenciais, principalmente nas ciências humanas, para embasar novas práticas na profissão, as quais passam a se diferenciar daquelas voltadas para os processos em torno do

binômio “saúde-doença”, fosse numa perspectiva biomédica ou clínica (BARROS; GHIRARDI; LOPES, 2002).

A terapia ocupacional social pontua a possibilidade de atuação profissional com grupos populacionais até então distantes do escopo técnico do terapeuta ocupacional, problemáticas para as quais a profissão não se voltava, no Brasil e no mundo, tomando como eixo a questão social, entendida como a desigualdade estrutural das sociedades em que vivemos (LOPES, 2016). Do que decorre o voltar-se para sujeitos, individuais e coletivos, que enfrentam processos de ruptura de suas redes sociais de suporte, sujeitos considerados desqualificados frente à cultura vigente, sujeitos dependentes de trabalhos precarizados, ou seja, de modo geral, sujeitos em situação de *desfiliação* e vulnerabilidade social (BARROS; GHIRARDI; LOPES, 2002). Sendo assim, pode-se afirmar que uma parte importante da população infantil no Brasil se encaixa no perfil alvo da terapia ocupacional social, podendo, então, ser considerada uma preocupação para essa área.

O Projeto Metuia², criado por docentes da área de terapia ocupacional da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), da Universidade de São Paulo (USP) e da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), trata-se de um grupo voltado para estudos, formações e ações em terapia ocupacional social, cujas intervenções terapêutico-ocupacionais decorrem, principalmente de projetos de extensão universitária em parcerias com serviços socioassistenciais, educacionais, culturais, sociojurídicos e, também, de saúde da rede pública ou comunitários voltados para populações em processos de ruptura das redes sociais de suporte (LOPES, 2016).

No final de 2019, o Projeto Metuia passou a denominar-se Rede Metuia – Terapia Ocupacional Social, ou Rede Metuia – Brasil, e hoje conta com seis núcleos em diferentes universidades e regiões do país, a saber: na UFSCar, USP, UNIFESP (Universidade Federal de São Paulo), UFES (Universidade Federal do Espírito Santo), Cerrado-UNB (Universidade de Brasília) e aquele que reúne a UFPB (Universidade Federal da Paraíba) e a Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas UNCISAL) (PAN, 2020).

² *Metuia* - palavra indígena de origem bororo, que significa amigo, companheiro

1.1 Terapia Ocupacional Social e Infâncias

Desde o início dos seus trabalhos, os núcleos da Rede Metuia vêm se destacando em estudos focados principalmente nas juventudes, com ênfase na juventude pobre, especialmente o METUIA/UFSCar³, do qual se desdobram os demais núcleos, com exceção do da USP.

De acordo com Silva e Lopes (2016, p.88), a população jovem estudada pelo grupo consiste em sujeitos de 15 a 24 anos, sendo identificados por esse termo devido ao entendimento que se definem “[...] na sua articulação com os processos sociais mais gerais e na sua inserção no conjunto das relações sociais produzidas ao longo da história”.

A população jovem no Brasil representa um contingente relevante da população brasileira, mas que ainda demanda políticas públicas que se voltem para suas especificidades, pois, o que se tem, segue sendo insuficiente, inadequado e muito fragmentado perante às necessidades dos jovens, em seus diferentes modos de vida (LOPES et al., 2014). As condições de vulnerabilidade às quais os jovens são submetidos fazem com que no entendimento coletivo essa população seja altamente relacionada à violência, muitas vezes como aqueles que a praticam, mas, como demonstram inúmeros dados nacionais, fundamentalmente sendo aqueles mais sujeitados a violências de várias ordens, inclusive as fatais (SILVA; LOPES, 2016; BRASIL, 2019).

Por meio de um levantamento da literatura em torno da terapia ocupacional social, realizado no início de 2019 junto aos periódicos nacionais da área e em bases acadêmicas nacionais, pouco foi encontrado referente à temática específica das infâncias, os principais materiais encontrados documentam intervenções realizadas nos anos iniciais do Projeto Metuia pelas profissionais que fundaram grupo.

³ O termo METUIA/UFSCar refere-se tanto ao núcleo da UFSCar da Rede Metuia quanto ao seu Programa de Extensão METUIA – Terapia Ocupacional Social e ao Laboratório METUIA do Departamento de Terapia Ocupacional, do Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar

Tendo em vista o delineamento aqui trazido, a presente pesquisa buscou identificar e discutir o lugar que as infâncias, principalmente as infâncias em situação de vulnerabilidade social e desfiliação, ocupam frente às preocupações que norteiam os estudos e as intervenções da Rede Metuia – Terapia Ocupacional.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Para que se compreenda, de fato, o lugar/espço/relevância das infâncias, inclusive aquelas em situação de vulnerabilidade e *desfiliação*, nas pesquisas e intervenções da terapia ocupacional social, o presente estudo utilizará como referencial teórico-metodológico o materialismo histórico e dialético juntamente com os pressupostos da própria terapia ocupacional social. Esse referencial foi escolhido em função do propósito de se defender um conhecimento que se volte para a apreensão do real tomado em sua concretude e em suas contradições, na busca de soluções de problemas enfrentados pelos sujeitos no âmbito das relações sociais que tecem esse real (FRIGOTTO, 2000).

Assim, buscou-se explicações coerentes e racionais sobre o fenômeno da terapia ocupacional social ter focalizado suas ações principalmente sobre as populações jovens em aparente detrimento das populações infantis. Além do que, nosso foco teve como conteúdo as problemáticas sociais e contextuais que caracterizam as escolhas das populações para as quais se voltam os núcleos da Rede Metuia no Brasil, fazendo jus à metodologia materialista histórica e dialética. Esta também auxiliou no entendimento das questões macrossociais, como o porquê de as populações estarem em situações de vulnerabilidade social e qual a relação disso com as infâncias (TRIVIÑOS, 1987).

Com o início da vigência do projeto, ele foi submetido ao Comitê de Ética da UFSCar, por meio da Plataforma Brasil, tendo seu aceite através do parecer n° 4.387.548. O período inicial da pesquisa foi dedicado à busca ativa na literatura em artigos e livros disponíveis sobre a área de atuação e estudo da terapia ocupacional social no Brasil, para a identificação dos grupos populacionais de interesse nas intervenções e pesquisas dos autores.

Após esse primeiro momento, foram levantados todos os núcleos da Rede Metuia e seus respectivos coordenadores e pesquisadores, seus temas de interesse e aqueles que se voltavam para as infâncias, a fim de convidá-los para colaborar com a pesquisa por meio de uma entrevista. Com os resultados desse processo, a listagem dos Núcleos e seus coordenadores, iniciou-se o agendamento e a

realização das entrevistas virtuais, devido à pandemia do CoVID-19 e aos protocolos de segurança, durante o final de 2020 e primeiro semestre de 2021.

Dessa forma, com o intuito de alcançar nossos objetivos, realizamos dentro do período a que se refere este trabalho:

1. Revisão da literatura nos periódicos nacionais buscando trabalhos desenvolvidos pela terapia ocupacional social no Brasil com a população infantil.
2. Sistematização das referências encontradas.
3. Submetemos o projeto de pesquisa ao Comitê de Ética e Pesquisa da UFSCar, por meio da Plataforma Brasil, o qual, sob o parecer n° 4.387.548, aprovou sua realização.
4. Elaboramos o roteiro de entrevistas (Anexo II)
5. Realizamos 12 entrevistas, cujo conteúdo foi transcrito e enviado para os participantes a fim de que pudessem complementá-las ou corrigi-las, totalizando 12 horas e 15 minutos de gravação e 129 páginas transcritas.
6. Estudamos, analisamos e discutimos, em sessões de orientação, o material coletado na pesquisa bibliográfica/documental e no campo empírico.
7. Elaboramos, sob orientação, a confecção deste relatório de pesquisa a fim de tornar possível a apresentação acadêmica dos resultados.

Em relação aos convites para a colaboração com a pesquisa, foram encaminhados 14 convites, sendo que em dois deles não tivemos algum retorno, portanto, finalizamos com 12 entrevistas.

Para execução das entrevistas, todas virtuais para respeitar os protocolos contra o contágio e a disseminação do SARS-CoV-2, foi utilizado o software de comunicação on-line Google Meet, que permitiu os encontros virtuais e as gravações das entrevistas, mediante a permissão dos participantes, para a posterior transcrição.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Apresentação dos sujeitos entrevistados

Para a coleta de dados, no decorrer da pesquisa, foram realizadas 12 entrevistas com coordenadores e pesquisadores que estão ligados aos Núcleos Metuia, todos os participantes preencheram através do Google Formulários o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, antes das entrevistas, e tiveram acesso prévio ao roteiro de perguntas, possibilitando uma aproximação da temática que seria discutida.

Apesar de contatados e convidados a colaborar, não tivemos retorno de um dos coordenadores do Núcleo Metuia UFPB/UNCISAL, Waldez Cavalcante Bezerra, e da docente Maria Daniela de Macedo, que integrava o Núcleo UFES à época.

Ao final foram entrevistados seis coordenadores dos Núcleos Metuia (UFSCar, USP, UFPB/UNCISAL, UNIFESP, UNB e UFES), duas profissionais terapeutas ocupacionais ligadas à Rede Metuia e quatro pesquisadores também ligados à Rede Metuia, como mostrado no quadro, a seguir:

Quadro 1: Breve Perfil Acadêmico dos Docentes, Profissionais e Pesquisadores Colaboradores

Nome	Ligação com a Rede Metuia	Graduação	Mestrado	Doutorado
Giovanna Bardi	Coordenadora/UFES	UFSCar 2010	UFSCar 2013	UFES 2019
Beatriz Prado Pereira	Coordenadora/UFPB	UFSCar 2010	UFSCar 2014	UFSCar 2018
Ana Paula Serrata Malfitano	Coordenadora/UFSCar	UFSCar 2001	UNICAMP 2004	USP 2008
Patrícia Leme de Oliveira Borba	Coordenadora/UNIFESP	UFSCar 2004	UFSCar 2012	UFSCar 2020
Carla Regina Silva Soares	Terapeuta Ocupacional USP	Centro Universitário São Camilo 2004	USP 2013	USP 2017
Marina Di Napoli Pastore	Pesquisadora	USP 2008	UFSCar 2013	UFSCar 2016
Marina Jorge da Silva	Pesquisadora/Docente UFSCar	UFSCar 2003	UFSCar 2012	UFSCar 2015
Marta Carvalho de Almeida	Coordenadora/USP	USP 1984	USP 1993	UNICAMP 2000
Rafael Garcia Barreiro	Coordenador/UNB	UNIFESP 2011	UFSCar 2014	UFSCar 2019
Lívia Celegati Pan	Pesquisadora/Docente UFSCar	UFSCar 2008	UFSCar 2014	UFSCar 2015
Jaime Daniel Leite Junior	Pesquisador UFSCar	UFSCar 2016	-	UFSCar - em andamento
Mariane Bosquiero Papini	Terapeuta Ocupacional	PUC-Campinas 2003	UNESP 2011	-

3.2 Levantamento bibliográfico

Ao realizar o levantamento bibliográfico iniciado na primeira etapa do projeto, foi encontrado que os estudos desenvolvidos com foco na infância vão tendo seu início na academia a partir de trabalhos voltados a compreender os estágios do desenvolvimento infantil e o processo de se chegar na vida adulta, além dos trabalhos que colocam a infância como um período de passagem, de preparação

para os anos posteriores e não como uma categoria social (ESSER et al., 2019, apud, PASTORE, 2020). Nas últimas décadas, vem crescendo uma produção sobre infância que busca entender a criança como um ator social que é o protagonista da sua história, o sujeito ativo dos processos e o criador da cultura das infâncias (OLIVEIRA; TEBET, 2010), entre pesquisadores que têm enfrentado as restrições advindas de visões unicamente biologicistas e desenvolvimentistas dos estudos iniciais, passando a inquirir sobre as infâncias também no âmbito social e cultural (PASTORE, 2020).

Quando nos voltamos para a terapia ocupacional como um todo naquilo que respeita a ações e pesquisas que têm como problemática as infâncias e suas singularidades, nos deparamos fortemente com os enfoques desenvolvimentistas, que dialogam com padrões de normalidade e/ou com os agravos a esses padrões, no âmbito das patologias e das deficiências ou incapacidades, sendo escassos estudos com abordagens socioculturais. Segundo Pastore (2020, p.27), “é preciso que avancemos, dentro da área, os debates, pesquisas e estudos sobre as infâncias, alteridades e suas culturas, entendendo as ações e relações constituídas por elas enquanto parte das culturas infantis”.

No levantamento da literatura em torno da terapia ocupacional social, realizado no momento inicial desta pesquisa, pouco foi encontrado referente à temática específica das infâncias, mesmo ela estando dentro da população para a qual se volta a terapia ocupacional social, os sujeitos que sofrem processos de exclusão social como os que se encontram em espaços fechados e isolados da comunidade, a infância e a juventude pobre, idosos asilados e destituídos de direito e grupos populacionais em processos de ruptura de redes de suporte social (LOPES, 2016). Os principais materiais encontrados que se relacionam com as infâncias documentam intervenções realizadas nos anos iniciais do Projeto Metuia, como os apresentados por Lopes (2006), no caso daqueles realizados pelos Núcleos Metuia/UFSCar ou em parceria com o Núcleo USP:

- Projeto Casarão -Centro de Cultura e Convivência da Celso Garcia, dos anos de 1999-2002, na cidade de São Paulo, juntamente com Núcleo Metuia/USP, com a presença de ações terapêutico-ocupacionais, para crianças,

adolescentes e jovens da comunidade em parceria com o Movimento Social de Luta por Moradia Urbana;

- AFAGAI -Associação Fraterna de Apoio Global ao Adolescente e à Infância – um abrigo para crianças e adolescentes em situação de rua e usuários de substâncias psicoativas, nos anos de 2003-2004, na cidade de Campinas-SP, em trabalhos com profissionais locais através oficinas de atividades com adolescentes atendidos pela instituição;
- Projetos Rotas Recriadas - Crianças e Adolescentes Livres da Violência e da Exploração Sexual, nos anos 2004-2005, também na cidade de Campinas-SP, com oficinas de imagens destinadas ao acolhimento e cuidado de crianças e adolescentes vítimas de violências.

Nos relatos de Bardi et al. (2016), é possível observar que as crianças da cidade de Vitória - ES foram as primeiras a se aproximarem da equipe do Núcleo Metuia/UFES, quando esta iniciava atividades da terapia ocupacional social no bairro Santos Reis, pertencente ao território São Pedro da Região VII, e que através de oficinas com as crianças é que foi possível o contato com suas famílias e outras pessoas da comunidade para a realização de ações intersetoriais que tinham como objetivo promover reflexões sobre as diferenças e problemáticas sociais no cotidiano próprio da juventude local.

Devido à pouca produção sobre a população infantil quando comparada àquela referida aos jovens, buscamos outros referenciais, além da terapia ocupacional social, para entender mais sobre as concepções das infâncias, encontrando maior arcabouço na antropologia e na sociologia da infância; nesses estudos, as crianças são vistas como ator social e sujeito ativo na sociedade, problematizando o lugar das crianças e os seus direitos, assim como as políticas públicas a elas voltadas, ações educacionais, enfatizando a necessidade de se atentar para o ponto de vista das crianças sobre todos esses aspectos (COHN, 2014).

O resultado do levantamento bibliográfico além de ter colaborado para um melhor entendimento da temática, também foi sendo reafirmado durante algumas das entrevistas com os participantes, como veremos a seguir, principalmente no que se refere à escassez de produções na terapia ocupacional social com infâncias, os

projetos realizados no início do Projeto Metuia e a necessidade de referenciais teóricos de outras áreas.

3.3 Grande presença das juventudes

As entrevistas realizadas com coordenadores e pesquisadores dos Núcleos Metuia possibilitaram um melhor entendimento sobre os motivos que fizeram convergir ações desses núcleos para, principalmente, as juventudes pobres e não às infâncias.

Hoje, a Rede Metuia conta com seis Núcleos, sendo o Núcleo UFSCar e Núcleo USP os que existem desde a fundação do Projeto Metuia e os demais Núcleos foram sendo criados posteriormente com a chegada dos docentes em terapia ocupacional social nas Universidades, a saber: Núcleo UNIFESP - criado em 2012 pela professora Patrícia Borba; já Gustavo Artur Monzeli, Giovanna Bardi e Maria Daniela Correa de Macedo criaram o Núcleo UFES em 2014; o Núcleo Cerrado - UNB foi criado em 2016 com a chegada do docente Rafael Barreiro e o Núcleo UFPB/UNCISAL foi criado em 2018 pelas docentes da UFPB Beatriz Prado Pereira e Iara Falleiros Braga em parceria com Waldez Cavalcante Bezerra, da UNCISAL (PAN, 2020).

Com exceção de Marta de Carvalho Almeida, coordenadora do Núcleo USP que se graduou e se tornou mestre pela USP e doutora pela UNICAMP e de Waldez Cavalcante Bezerra⁴, todos os profissionais que estão como coordenadores dos núcleos da Rede Metuia tiveram e/ou ainda têm relação com o Metuia UFSCar, Giovanna Bardi, Beatriz Prado Pereira, Ana Paula Malfitano e Patricia Borba (coordenadoras dos Núcleos UFES, UFPB, UFSCar e UNIFESP, respectivamente) se graduaram na UFSCar, tendo o contato com este Núcleo desde o início de suas formações, assim como Iara Braga. Rafael Barreiro, coordenador do Núcleo Cerrado - UNB, apesar de ter se graduado na UNIFESP, realizou seu mestrado e doutorado na UFSCar, quando teve um contato mais aprofundado com esse Núcleo.

⁴ Formado em terapia ocupacional pela UNCISAL, é mestre em Serviço Social pela Universidade Federal de Alagoas, onde realiza também o seu doutorado.

Com isso, podemos depreender que esses polos de ações e estudos em terapia ocupacional social iniciaram com uma grande bagagem advinda das ações que estes docentes/coordenadores tiveram, enquanto estudantes e pesquisadores, no Metuia UFSCar, pois foi junto a esse grupo e sob sua orientação que eles se debruçaram mais sobre os referenciais teóricos e práticas, principalmente em projetos de extensão universitária, estágios profissionais e pesquisas os quais sempre tiveram como foco prioritário as juventudes.

Segundo Ana Paula Serrata Malfitano, uma das atuais coordenadoras do Núcleo Metuia UFSCar:

É verdade que há muito trabalho com os jovens na Rede Metuia porque muito das pessoas que são coordenadores dos Núcleos em outras Universidades foram alunos da UFSCar e fizeram sua trajetória aqui, aprendendo esse modo, pesquisaram essas questões e hoje desenvolvem trabalhos em outros locais, muitas vezes voltados para o público juvenil, mas essa não é a obrigação, é uma característica prioritária.

Assim, as experiências, ações e propostas gestadas pelo Núcleo UFSCar reverberam nos demais Núcleos pelo Brasil, gerando um maior contingente de ações, pesquisas e materiais sobre a terapia ocupacional social e as juventudes. Isso nos é trazido também por Giovanna Bardi, hoje coordenadora do Núcleo Metuia UFES:

Acontece que tanto eu quanto o Gustavo [Gustavo Artur Monzeli, que era docente e integrante do Núcleo UFES e hoje está no Núcleo UFPB/UNCISAL] nos formamos na UFSCar e a gente participava do que na época chamava Laboratório Metuia/UFSCar, ali a gente desenvolvia na extensão ações voltadas para a juventude, o Núcleo UFSCar tem essa característica, então quando chegamos aqui a gente queria muito dar continuidade a esse trabalho com esse grupo jovem, era a principal referência que a gente tinha sobre ações na área social, era onde nos sentíamos mais seguros para desenvolver as ações porque já tínhamos experiência, então nós chegamos com esse viés.

Durante as entrevistas, quando os participantes foram questionados sobre os motivos que os levam a ter essa dedicação maior sobre as juventudes e aqui, como dito pela Marta Almeida, “estamos falando de uma determinada juventude, a juventude que mora na periferia, a juventude pobre que não tem acesso a muitos

meios”, foi assinalado que o Metuia como um todo tem grande bagagem prático-teórica relacionada aos jovens. O que foi apresentado também por Jaime, pesquisador e doutorando do Núcleo UFSCar:

Desde aquela época [se referindo ao seu período na graduação] a grande questão do Metuia era a juventude. Lembro do discurso de a grande questão da juventude era porque a juventude era o maior contingente de pessoas, juventude como o futuro do país e o Metuia UFSCar estava muito preocupado com essa população, como pensamos a juventude, a juventude pobre e como esse era um caminho para pensar o futuro do país. Essa era parte da discussão e as intervenções estavam ligadas a isso

Ainda, segundo Beatriz Prado Pereira, a população jovem não recebe atenção de outras áreas da terapia ocupacional:

Tem uma grande questão que é a falta ou pouca discussão sobre as juventudes na história da terapia ocupacional, acho que tem um pouco dessa tentativa de pela terapia ocupacional social trazer para o debate, pouco se discute jovens, juventudes e as questões que norteiam suas vidas na terapia ocupacional geral, pelo menos a partir do que eu conheço dos textos e trabalhos. Então fica um buraco, tem uma ênfase enorme nas crianças, principalmente pelo desenvolvimento infantil da psicologia, muito pouco sobre a adolescência, a terapia ocupacional diz muito pouco, então acho que tem essa condição da adolescência, e mais ainda das juventudes, que a terapia ocupacional de forma geral pouco se atenta.

Alguns participantes também justificaram esse foco nas juventudes relatando que ao chegarem nos serviços, como por exemplo nos Centros de Convivência e nos Centros de Assistência Social, as demandas mais destacadas pelos profissionais estão relacionadas às juventudes, esses jovens são colocados como o público mais trabalhoso e que não demonstra interesse nas atividades oferecidas pelos serviços, deixando esse desígnio para os profissionais do Metuia que chegam nesses espaços, conforme pode ser observado numa colocação da terapeuta ocupacional Carla Regina Soares, que atua no Núcleo USP:

Uma das coisas que fizemos nesse meio tempo foi um projeto sobre o protagonismo juvenil, nós começamos a perceber até no discurso institucional, nos serviços de política de assistência social e da educação o quanto o discurso trazia essa questão do jovem não querer fazer nada, que não adiantava fazer projetos para jovens

porque eles não participavam, eram preguiçosos, o quanto esse discurso estava impregnado nas várias instituições.

Apesar das juventudes ocuparem uma grande parcela das ações realizadas pelos Núcleos Metuia, Carla traz mais uma observação pertinente sobre as diversas possibilidades de público alvo:

Acho que tem uma grande frente da Rede Metuia pensando as juventudes e acho que não é à toa, quando vamos pensar as populações em situação de vulnerabilidade temos que as juventudes são menos vistas pelas outras políticas e ações e até por isso que acabamos desembocando nas juventudes como um público prioritário das nossas ações, mas acho que as infâncias também vão entrando porque aqui em São Paulo, embora pareça que a rede é um pouco organizada [referente às redes sociais de suporte], nós já notamos que essa vulnerabilidade tem chegado cada vez mais cedo, mesmo nos serviços de medida socioeducativa vemos que os meninos têm chegado cada vez mais novos e a gente vai precisando fazer esse olhar para toda a família, quem são as crianças dessa família e como podemos dar conta das diferentes necessidades de uma criança e um jovem nessas condições.

3.4 Infâncias e a Rede Metuia

Em um segundo momento da entrevista, os participantes foram indagados sobre a relação das infâncias com a terapia ocupacional social, mais precisamente com a Rede Metuia, aqui focalizando as infâncias em situação de vulnerabilidade social que são as que mais se enquadram no escopo de interesses da terapia ocupacional social, dentro das ações dos Núcleos. Pontua-se que, indo ao encontro dos incômodos que geraram essa pesquisa, foi relatado que essa presença é realmente escassa na maior parte das ações, pesquisas e projetos; as justificativas trazidas foram semelhantes em relação a esse não protagonismo das infâncias, como podemos ver nas colocações a seguir. Para Lívia Pan, docente e pesquisadora no Núcleo UFSCar:

Vem a discussão de pautarmos a juventude por precisar de ações para esse grupo que quase ninguém pensa, tem esse chamado e essa discussão sendo sobre a juventude periférica, negra, que estão sendo sistematicamente violentadas, quando não, mortas. [...] Por outro lado a infância chama muito, se formos ver os projetos que existem quase todos vão pensar nas crianças, têm esse apelo em torno das infâncias nos projetos, as pessoas se sensibilizam um

pouco mais e até já ouvi isso nos serviços [...] Eu gostaria de desenvolver coisas e pensar as infâncias, mas dentro desse cenário eu acho que a gente acabe escolhendo quem têm menos, não que a gente não possa trabalhar com os dois [...] mas a gente não pensa uma priorização das infâncias por pensar que elas já são priorizadas em muitos outros espaços.

Patrícia Borba coloca como resposta que “Os terapeutas ocupacionais gostam muito da infância, então acho que como os outros docentes vão dando conta dessa área, vão fazendo muitos projetos com elas, de fato o Metuia ficou mais com as juventudes”. Com esses excertos, identificamos que, segundo os entrevistados, as infâncias são mais assistidas pelas outras áreas da terapia ocupacional, como as áreas do desenvolvimento e da saúde, mesmo que essas não apresentem o viés social da discussão como nos relata Giovanna Bardi:

As infâncias eu acho que por muito tempo ficaram no domínio da saúde, na discussão materno infantil, de um viés mais do desenvolvimento infantil, eu acho que essa é uma discussão muito presente nas Universidades quando a faixa etária é a infância, acho que essas abordagens trazem contribuições, é fundamental que exista, mas não têm apropriação da abordagem que a terapia ocupacional social traz para o debate e acho que a terapia ocupacional social de repente foi deixando mesmo as crianças, demorou para puxar essa faixa etária para o debate por já existir um debate muito bem colocado e consistente sobre as crianças na área da saúde [...] porém é um lugar que não vejo a discussão de vulnerabilidade na infância, de pensar a infância e a sua diversidade cultural, de pensar a infância e a violência sexual, discussão de cidadania e direito, eu não vejo essa discussão muito presente nesses grupos da saúde que discutem a infância.

Portanto, apesar das infâncias receberem ações da terapia ocupacional em geral, as problemáticas sociais como diversidade cultural, vulnerabilidade e cidadania, em geral, não seriam efetivamente trabalhadas, pois essas são de maior domínio da terapia ocupacional social que, todavia, como destacamos até aqui, não tem como foco as infâncias, fazendo com que os profissionais que desejam trabalhar com essa população e com esse enfoque tenham que buscar aportes fora da terapia ocupacional social, como na Sociologia e Antropologia da Infância. Os estudos de Marina Pastore, pesquisadora ligada à Rede Metuia e atualmente docente no Curso de Terapia Ocupacional do Instituto Superior de Ciências em

Saúde, em Maputo, Moçambique, representam, hoje, uma das poucas referências encontradas quando se fala sobre infâncias e terapia ocupacional social:

[...] para conseguir estudar esses pontos sobre a criança eu tive que ler para além da terapia ocupacional social e da terapia ocupacional, porque a terapia ocupacional ainda era muito fechada sobre esses trabalhos que pensam a criança enquanto sujeito, a que brinca para além das dificuldades económicas e nós não temos isso. [...] Eu bebo das fontes da terapia ocupacional social e quando não é pensando por onde posso ir fazendo as interfaces, então a história, geografia, antropologia, sociologia.

Um relato que trouxe uma visão diferente sobre essa escassez de trabalho com as infâncias na terapia ocupacional social foi o do pesquisador Jaime Leite Jr., que é ligado ao Núcleo Metuia UFSCar:

Uma coisa que vivenciei frequentemente na saúde mental e achava muito perigoso era que ninguém sabia referenciar, encaminhar, as crianças para outros dispositivos que não fossem da saúde. Ainda que se colocassem contra a medicação e diagnóstico, esta lógica da medicalização imperava. Com isso via a saúde entrando na escola e em todos os lugares de um jeito que eu não achava interessante. Temos que conseguir pensar fora do eixo da saúde, do desenvolvimento, em momento algum estou negando a importância dessas questões, de fato são super importantes, mas como outras coisas podem compor intersecção disso.

Mesmo com tudo que foi exemplificado até aqui, identificamos também que apesar das ações da terapia ocupacional social na Rede Metuia não serem, em sua maioria, voltadas para as infâncias, estas aparecem nos espaços de prática, principalmente onde são realizadas as ações e estágios dos cursos de graduação como nos Centros da Juventude, CRAS, CREAS, centros de convivência e praças nos territórios, fazendo com que os responsáveis por essas práticas precisem elaborar intervenções que possam ser realizadas também com as crianças, como vemos no relato da Giovanna Bardi e Beatriz Prado Pereira, respectivamente:

De certa forma, as crianças também apareciam lá no Centro da Juventude quando a gente desenvolvia a extensão no Metuia UFSCar, não era uma coisa inexistente, então o que acontece é que fui me abrindo a desenvolver ações com as crianças, começando a pensar o que eu ia trazer, as temáticas que funcionariam, começar a pensar também nas brincadeiras, porque você tem que mudar a metodologia, não funciona do mesmo jeito, então fui me abrindo,

porém ainda mantendo o foco na juventude, mas fazendo essa aproximação paralelamente com as crianças.

Até o ano passado a gente continuou o diálogo com os jovens via associação e a escola de ensino médio que tem sido muito parceira, mas são dois grupos de extensão, um que pensa os adolescentes e jovens e um que pensa especificamente às crianças [...] com os jovens exige tentativas para criar ações interessantes e fazer com que eles permaneçam, era sempre uma preocupação que com as crianças não precisava muito. [...] Aqui temos esses dois grupos, porque a demanda das crianças começa a aparecer e nós, enquanto grupo, também começamos a pensar, aqui os alunos começaram, assim como você, a questionar o porquê não pensar a terapia ocupacional social com as crianças, inclusive por ter menos referenciais teóricos para esse debate.

Alguns relatos também nos trazem que essa presença das crianças nos espaços em que as ações dos Núcleos Metuia acontecem muitas vezes é utilizada como porta de entrada para a equipe e que através do contato com as crianças conseguem chegar às outras populações do território, como nos mostra Rafael Barreiro, atual coordenador do Núcleo Metuia Cerrado-UNB: *“as crianças sempre são a porta de entrada por onde você for, onde tem jovem tem crianças, principalmente nos espaços culturais, elas sempre estão ali.”*

Ao olharmos as singularidades das infâncias e os objetivos da terapia ocupacional social, vemos que as duas possuem pontos em comum que podem ser melhor explorados como foi apresentado anteriormente e é reforçado pelo comentário de Ana Paula Malfitano:

O que eu diria é que as infâncias poderiam ser uma prioridade para o Núcleo UFSCar, levando em conta todos os acúmulos que temos nas áreas de infância e juventude em termos de estudos, conhecimentos, estudos históricos dessa área; porque a gente não chega nos jovens sem falar das crianças e da assistência às infâncias. Se a gente pensar em termos de vulnerabilidade social, nós temos no público infantil preocupações extremamente importantes, desde as atuações nos contextos comunitários e territoriais que a gente tem nesses espaços, até as questões em torno das situações de violência, abrigamento, etc.

3.5 Infâncias, terapia ocupacional social e possibilidades

Como pode ser visto anteriormente nas colocações de Giovanna Bardi, Beatriz Pereira e Ana Paula Malfitano, é possível antever ações terapêutico-ocupacionais sociais que se voltem para as infâncias, considerando a presença desse público nos espaços já ocupados pelas intervenções da Rede Metuia e também por se enquadrar na população que pode ser abarcada pela terapia ocupacional social, como é comentado por Livia Pan:

Tem espaço para isso, se a gente pegar os pressupostos da terapia ocupacional social nós vemos que ela vai trabalhar com públicos em situação de vulnerabilidade social de forma geral e nisso cabe as juventudes, as infâncias, os idosos, população de rua, os encarcerados, dá para fazer uma lista de populações que cabem e nela estão incluídas as infâncias. O que eu acho é que a gente precisa criar espaços para construir ações, conhecimentos, metodologias e recursos específicos para esse grupo e precisa ter pessoas como você por exemplo interessadas em pensar nessas populações, [...] mas as juventudes ainda chama muito a gente, acho que têm espaço e temos que preencher esses espaços com produção e aprofundamento.

Os participantes, ao serem perguntados sobre temáticas que podem ser levantadas em torno das infâncias, citaram principalmente: diversidade cultural, vulnerabilidade, cidadania e direito, políticas públicas, violência sexual, trabalho infantil e proteção social, entre outras que convergem no mesmo caminho destas citadas.

Patrícia Borba, atual coordenadora do Núcleo Metuia UNIFESP, levanta uma nova problemática que envolve a pandemia da CoVID-19 que estamos enfrentando atualmente e as consequências que ela está gerando para a população que recebe as intervenções da terapia ocupacional:

Uma coisa que eu tenho pensado bastante é que principalmente nesse momento da pandemia e essa questão da escola pública estar fechada, as municipais estarem algumas abertas e outras não, mas as escolas públicas foram as que ficaram mais tempo fechadas, essas crianças que não foram para a escola durante um ano e vão ficar sem a proteção social, sem essa rede de apoio, vai trazer muita demanda, cada profissional vai ver pela sua lente, mas eu acho que a questão da socialização, da convivência, os prejuízos em

decorrência disso, mas até mesmo as questões mais graves da fome, das violências, acho que isso é demanda para a terapia ocupacional social, sempre teve essa demanda, mas acredito que irá aumentar.

Como nos mostra Patrícia Borba, há muito que pode ser considerado pela terapia ocupacional social com relação às infâncias, como as situações de vulnerabilidade e proteção social, socialização, violência e outras diversas que perpassam as infâncias. Juntamente com o abordado até aqui, Marina Pastore vem nos apresentar uma outra maneira de entender as infâncias e que possibilitaria, na sua visão, uma ampliação das ações a serem desenvolvidas:

Eu vou entendendo que cada área vai defendendo o seu público prioritário e quando falamos de terapia ocupacional social necessariamente temos falado de um público vulnerável em questões sociais, mas não sei se precisamos sempre olhar a criança dentro dessas infâncias vulneráveis, podemos olhar a criança na vida, a criança como potência, mas nós não fazemos isso, nós excluimos a maior parte das crianças por conta disso, porque sempre vamos enquadrando como criança e racismo, criança e violência, entre outros exemplos. Eu acho que o é um público que nós trabalhamos na terapia ocupacional social, ainda trabalhamos pouco e quando trabalhamos vamos pelo viés do SUAS [Sistema Único de Assistência Social] pensando direitos e privações, acho que se pensarmos criança na vida e entendermos que estou falando de infâncias no plural e crianças em suas imensas diversidades, vamos ter um público muito maior para estar trabalhando e isso também é terapia ocupacional social... Também tem a questão de que não validamos a criança como um sujeito que sabe falar, sabe se posicionar, olhamos a criança da mesma forma que olhamos o brincar, como algo que não é sério, a criança e a brincadeira são coisas sérias.

Ainda, para Beatriz Pereira:

Principalmente as crianças sobre as quais temos nos debruçado mais, que são as de 6 a 11 anos, acho que é um buraco na terapia ocupacional de uma forma geral, que pensa mais a primeira infância, enfim, esses meninos e meninas ficam o tempo todo na rua e elas vão trazendo para nós essa circulação na e pela comunidade, elas não saem da comunidade, não circulam sozinhas pelos outros bairros [...] Eu consigo pensar nessa relação, mas talvez pudesse aprofundar um pouco mais na leitura da relação das crianças ficarem nos espaços mais abertos, da situação de pobreza, de desigualdade, mas aqui isso é bastante visível porque elas estão na rua mesmo [...] Eu não acho que a rua e o estar na rua é o problema, é um grande

debate, a questão é a fragilidade, vulnerabilidade que essas crianças e suas famílias enfrentam.

Dados os recortes possíveis de se trabalhar com as infâncias que trouxemos até aqui, os participantes foram questionados se conseguiriam vislumbrar intervenções que pudessem ser feitas com esse público em especial e as respostas giraram em torno daquilo que se tem produzido a partir das intervenções realizadas com as juventudes, baseadas nos recursos e tecnologias sociais, definidos pelo Núcleo UFSCar e que vêm fomentando as ações no campo, a saber: articulação de recursos no campo social; dinamização da rede de atenção; oficinas de atividades, dinâmicas e projeto e acompanhamentos singulares e territoriais (LOPES et al, 2014). Trazemos aqui duas respostas que se complementam em relação às possíveis ações a serem realizadas. Ana Paula Malfitano nos diz que:

Acredito que pela terapia ocupacional social temos muitos campos e possibilidades de atuação, mas eu colocaria estas três frentes: ações coletivas, acompanhamentos individuais e acompanhamentos institucionais como os três grandes grupos de muitas ações que podemos realizar e claro que também existe a dimensão política, de articulação da rede de serviços.

E a Marina Pastore nos traz uma visão voltada para a individualidade das crianças e a importância de se considerar isso:

Acho que temos muitas ações para fazer com as crianças, mas só vamos conseguir se a gente sentar com as crianças ou com a criança e perguntar o que elas querem fazer, a primeira coisa é essa... não estou dizendo que temos que dar voz às crianças porque isso elas já têm, precisamos escutar e validar essas vozes.

Neste momento, cabe também ressaltar o último comentário feito por Beatriz Prado Pereira na finalização da entrevista:

Tem mesmo esse desafio de como pensar a terapia ocupacional social com infâncias e as diferentes realidades delas, isso me instiga a pensar, apesar de ser um desafio enorme porque parece que tem que começar tudo de novo, a minha aproximação com o CRIAS UFPB [Grupo de pesquisa CRIAS: Criança, Sociedade e Cultura] é nessa tentativa, as pesquisas são outras, as metodologias de pesquisa são outras e se a Rede vai bancar trazer isso para o debate ou se vai partir mais do interesse dos Núcleos e das pessoas

que estão discutindo e interessadas nesse debate, acho que isso é uma questão que pode ser interessante, e que a sua pesquisa vai dizer um tanto e apontar possíveis questões para nós mesmas.

Por meio das colocações de cada participante foi possível notar que as demandas relacionadas às infâncias não estão fora do alcance das discussões, interesses e propostas da terapia ocupacional social e principalmente da Rede Metuia, são preocupações que vêm tangenciando o grupo e suas ações realizadas até aqui, inclusive algumas docentes e pesquisadores que vêm focalizando essa temática, como Marina Pastore e Beatriz Prado Pereira, que despontam, atualmente, como referências para os outros pesquisadores da Rede e fora dela. Por outro lado, pontua-se mais como um interesse individual e menos de um núcleo de forma geral, já que estes permanecem priorizando as juventudes. Além disso, também podemos considerar que, se essa discussão com as infâncias for tomando corpo através da realização de estudos e de intervenções práticas, futuramente poderá ser mais um braço da Rede Metuia – Terapia Ocupacional Social e influenciar os próximos docentes, discentes e pesquisadores que estiverem em campo, como aconteceu com aqueles que vieram de anos de dedicação com as juventudes através do Núcleo Metuia UFSCar.

4. CONCLUSÕES

Através da pesquisa realizada com o intuito de entender o lugar que as infâncias ocupam no âmbito da Rede Metuia – Terapia Ocupacional Social, podemos pontuar com base na revisão de literatura que as produções bibliográficas da Rede trazendo as infâncias como público alvo são relativamente restritas, tendo sido encontradas na sua maioria nos anos iniciais das atividades realizadas pelo então Projeto Metuia, ocorrendo principalmente nas cidades de São Paulo e Campinas, lugares em que atualmente as ações realizadas possuem outra formatação.

Com exceção do Núcleo USP, os coordenadores e boa parte dos terapeutas ocupacionais (pesquisadores, docentes e técnicos) dos Núcleos Metuia que hoje estão em funcionamento tiveram sua formação pautada nos modelos e experiências adquiridas junto ao Núcleo Metuia UFSCar, cujas ações se deram, e continuam se dando, de forma prioritária, com as juventudes pobres e não com as infâncias; isso moldou as proposições em torno do ensino, da pesquisa e da extensão universitária dos profissionais que as levaram para seus Núcleos atuais.

Foi pontuado também que a terapia ocupacional em geral possui uma bagagem importante e significativa de produções sobre “a infância”, essas partindo de experiências no campo neurodesenvolvimentista, de forma que cobre a infância sob certo recorte entre os terapeutas ocupacionais; por outro lado, os jovens, enquanto faixa etária, estão ausentes nos trabalhos dessa mesma terapia ocupacional, com exceção da terapia ocupacional social, sendo essa lacuna um dos direcionadores para sua priorização na Rede Metuia. Segundo as colaboradoras da pesquisa, podemos destacar que a terapia ocupacional social possui um acúmulo suficiente de referenciais e recursos para o trabalho com as infâncias.

Ainda, a vulnerabilidade social que parte das infâncias enfrenta precisa ser objeto da terapia ocupacional, tanto em sua manifestação nas infâncias na terapia ocupacional social quanto à vulnerabilidade social na terapia ocupacional em outros âmbitos. Independentemente da abordagem utilizada, existe em todo o mundo a

questão da vulnerabilidade social dentre as crianças, seja pela lente da terapia ocupacional social ou da terapia ocupacional neurodesenvolvimentista há um campo aberto de grande relevância a ser trabalhado.

5. REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, A. Território 1: Estudos da Infância. In: ABRAMOWICZ, A. (org.). **Estudos da Infância no Brasil: encontros e memórias**. São Carlos: Edufscar, 2015. p. 15-21.

BARDI, G. et al. Oficinas socioculturais com crianças e jovens sob a perspectiva da terapia ocupacional social. **Cadernos de Terapia Ocupacional da Ufscar**, [s.l.], v. 24, n. 4, p. 811-819, 2016. Editora Cubo.
<http://dx.doi.org/10.4322/0104-4931.ctore0643>.

BARROS, D. D.; GHIRARDI, M. I. G.; LOPES, R. E. Terapia ocupacional social. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, [s.l.], v. 13, n.3, p.95-103, 1 dez. 2002. **Universidade de São Paulo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBiUSP**. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v13i3p95-103>.

CASTEL, R. **As metamorfoses da questão social**: uma crônica do salário. Petrópolis: Vozes, 1998.

CASTEL, R. Da indigência à exclusão, a desfiliação. Precariedade do trabalho e vulnerabilidade relacional. In: LANCETTI, A. (Org.). *Saúde loucura*. São Paulo: Hucitec, 1994. p. 21-48. FRIGOTTO, G. Enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: FAZENDA, Ivani (org.). **Metodologia da Pesquisa Educacional**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2000. p. 69-90. (Série 1, Escola).

COHN, C. Concepções de infância e infâncias: um estado da arte da antropologia da criança no Brasil. **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, [S.L.], v. 13, n. 2, p. 221-244, 30 jan. 2014. Disponível em:
<http://dx.doi.org/10.15448/1984-7289.2013.2.15478>. Acesso em: 27 set. 2020

GOMES, M. L.; OLIVER, F. C. A. prática da terapia ocupacional junto à população infantil: revisão bibliográfica do período de 1999 a 2009. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, [s.l.], v. 21, n. 2, p. 121-129, 1 ago. 2010. *Universidade de São Paulo*, Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (ÁGUIA). <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v21i2p121-129>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/14095/15913>. Acesso em: 15 abr. 2020.

GONTIJO, D. T.; MEDEIROS, M. Crianças e adolescentes em situação de rua: contribuições para a compreensão dos processos de vulnerabilidade e desfiliação social. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 14, n. 2, p.467-475, abr. 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-81232009000200015>.

LOPES, R. E.; SILVA, C. R.; MALFITANO, A. P. S. Adolescência e juventude de grupos populares urbanos no Brasil e as políticas públicas: apontamentos históricos. **Revista HISTEDBR**, Campinas, v. 23, p. 114-130, 2006. Disponível em:
https://fe-old.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/4933/art08_23.pdf

LOPES, R. E. Redes sociais de suporte. In: Margareth Brandini Park; Renata Sieiro Fernandes; Amarildo Carnicel. (Org.). Palavras-chave em educação não-formal. 1a.ed. Holambra e Campinas: **Setembro e Centro de Memória da UNICAMP**, 2007. p. 249-250.

LOPES, R. E. et al. Recursos e tecnologias em Terapia Ocupacional Social: ações com jovens pobres na cidade. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, v. 22, p. 591-602, 2014. Disponível em <http://www.cadernosdeto.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1114>

LOPES, R. E. Cidadania, Direitos e Terapia Ocupacional Social. In: LOPES, Roseli Esquerdo; MALFITANO, Ana Paula Serrata (org.). **Terapia Ocupacional Social desenhos teóricos e contornos práticos**. São Carlos: Edufscar, 2016. p. 29-48.

MIRANDA, C. R.; CINTRA, J. P. S. **Cenário da Infância e Adolescência no Brasil 2020**. São Paulo: Pigma Gráfica e Editora Ltda., 2020. 94 p.

OLIVEIRA, F.; TEBET, G. G. C. Cultura da Infância. In: ABRAMOWICZ, A; MORUZZI, A. B. (org.). **O Plural da Infância: aportes da sociologia**. 2 ed. São Carlos: Edufscar, 2010. p. 39-56.

PAN, L. C.; LOPES, R. E. Terapia ocupacional social na escola pública: uma análise da produção bibliográfica do METUIA/UFSCar. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**. Ahead of Print, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1760>.

PASTORE, M. N. Brincar-brinquedo, criar-fazendo: entrelaçando pluriversos de infâncias e crianças desde o sul de Moçambique. 2020. 326 f. **Tese (Doutorado)** - Curso de Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/12307>.

SARMENTO, M. J. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação & Sociedade**, Online, v. 16, n. 91, p. 361-378, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302005000200003>.

SILVA, C. R.; LOPES, R. E. Políticas para a juventude brasileira: O ProJovem como estratégia e espaço para a terapia ocupacional social. In: LOPES, Roseli Esquerdo; MALFITANO, Ana Paula Serrata (org.). **Terapia Ocupacional Social desenhos teóricos e contornos práticos**. São Carlos: Edufscar, 2016. p. 255-274.

SOARES, C. R. S.; ALMEIDA, M. C. Terapia ocupacional social e a erradicação do trabalho infantil: o desafio de articular proteção social e autonomia. In: LOPES, Roseli Esquerdo; MALFITANO, Ana Paula Serrata (org.) **Terapia Ocupacional Social: desenhos teóricos e contornos práticos**. São Carlos: Edufscar, 2016. p. 275-294.

SOUZA, L. B.; MORAIS, A. C. Em "caravanas" rumo à promoção de direitos: Divulgando e dialogando sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) nas escolas. In: LOPES, Roseli Esquerdo; MALFITANO, Ana Paula Serrata (org.).

Terapia Ocupacional Social desenhos teóricos e contornos práticos. São Carlos: Edufscar, 2016. p. 323-330.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

6. ANEXO A

6.1 TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Universidade Federal de São Carlos
Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
Departamento de Terapia Ocupacional

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
TERAPIA OCUPACIONAL SOCIAL E INFÂNCIAS: ESSA INTERFACE NA
PRODUÇÃO E NA VISÃO DA REDE METUIA - BRASIL

Prezado (a),

Você está sendo convidado (a) para participar, por meio da concessão de uma entrevista, da pesquisa *“Terapia Ocupacional Social e Infâncias: essa interface na produção e na visão da Rede Metuia - Brasil”*, de Julia Meirelles Tinti, graduanda do Curso de Terapia Ocupacional na Universidade Federal de São Carlos, sob orientação da Profa. Dra. Roseli Esquerdo Lopes, docente titular do Departamento de Terapia Ocupacional da mesma universidade.

Para fins exclusivamente de pesquisa, essa entrevista será gravada e asseguramos que essa gravação não será divulgada publicamente, será apenas arquivada como documento da pesquisa para possíveis futuros esclarecimentos que poderão ser prestados ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFSCar e para futura organização das informações que você nos fornecerá, caso aceite participar

Este convite se deu por você ser terapeuta ocupacional e/ou ser docente da área de terapia ocupacional e ter vínculo atual ou antecedente com a Rede Metuia – Terapia Ocupacional Social e por ter desenvolvido pesquisa, projeto de

extensão universitária ou atuação profissional na área de terapia ocupacional social.

Esta entrevista consiste em perguntas e diálogos acerca do seu perfil profissional e acadêmico, a partir das informações encontradas no seu currículo na Plataforma Lattes do CNPq, e conhecer seus apontamentos e reflexões sobre a interface prática e teórica em torno das infâncias frente à terapia ocupacional social.

A pesquisa tem como objetivo geral *identificar e compreender o lugar ocupado pelas infâncias, sobretudo as infâncias em situação de vulnerabilidade social e desfiliação, nos estudos e intervenções realizadas pelos profissionais, pesquisadores e alunos que se dedicam-se à vertente da terapia ocupacional social, principalmente os que se encontram ligados à Rede Metuia no Brasil.*

São seus objetivos específicos (1) *Realizar uma revisão da literatura voltada aos estudos de terapia ocupacional social que focalizem o trabalho com as infâncias;* (2) *Identificar as razões pelas quais parece haver uma lacuna relativamente significativa na produção da terapia ocupacional social frente à infâncias;* (3) *Levantar e selecionar profissionais e pesquisadores ligados à Rede Metuia, a fim de apreender sua visão sobre a relevância das infâncias frente à terapia ocupacional social.*

As informações obtidas por meio da entrevista serão organizadas e sistematizadas de forma a permitir a análise dos dados reunidos.

Os benefícios de sua participação nessa pesquisa poderão ser: contribuir para o embasamento de respostas e de novos questionamentos sobre a temática em tela, o que poderá dar origem a novas pesquisas; ter documentado as respostas obtidas considerando esta como uma pesquisa pioneira na temática; além de possibilitar aportes para novos projetos que possam aproximar as infâncias da terapia ocupacional social.

Os riscos possíveis de ocorrer a partir de sua participação são mínimos, sendo eles eventuais constrangimentos e/ou desconfortos decorrentes das

perguntas realizadas pela pesquisadora. Caso se sinta constrangido (a) com qualquer pergunta feita, você não é obrigado (a) a respondê-la e isso não impedirá sua participação na pesquisa.

Para evitar riscos de contaminação pelo SARS-CoV-2, as entrevistas que precisarem ocorrer de forma presencial obedecerão ao protocolo de segurança da OMS – Organização Mundial da Saúde, sendo que serão realizadas em uma sala aberta e ventilada, respeitando o distanciamento de 1,5m, sem compartilhamento de materiais, a pesquisadora e você deverão estar de máscara todo o tempo e será disponibilizado pela pesquisadora álcool em gel para higienização das mãos.

Considerando que a assinatura do TCLE pode trazer riscos de contaminação através do compartilhamento de papel ou caneta, a pesquisadora inserirá este termo em uma plataforma de formulário on-line, sendo que ao final estará disponível a declaração de aceite da participação. Com o aceite, será disponibilizado a você o link que dê acesso ao termo para que possa inserir sua assinatura e depois enviá-lo por e-mail à pesquisadora. Você poderá solicitar a qualquer momento o TCLE à pesquisadora através do seu endereço de e-mail, também disponibilizado. Caso você não concorde, poderá apenas fechar a página do seu navegador. Estes procedimentos quanto ao aceite e à assinatura do TCLE serão os mesmos no caso de sua entrevista se dar por meio virtual.

A entrevista será transcrita na íntegra e enviada a você para que o conteúdo seja revisto e, se for da sua vontade, possa ser editado da forma que lhe convier, podendo acrescentar ou alterar algo.

Você terá a liberdade de aceitar ou não participar desta pesquisa, podendo interromper a sua participação a qualquer momento, e ainda retirar o consentimento sob qualquer condição, sem nenhuma penalização ou prejuízo em sua relação comigo ou minha orientadora, a UFSCar ou qualquer instituição envolvida.

As informações reunidas durante o estudo serão utilizadas apenas para fins acadêmicos, sendo que qualquer dúvida quanto aos procedimentos de

pesquisa pode ser dirigida a mim ou a minha orientadora a qualquer momento, antes ou durante a pesquisa e serão esclarecidas. Vale destacar que não haverá qualquer tipo de gasto financeiro, mas caso ocorra, haverá restituição integral.

Caso você não tenha mais dúvidas, seu consentimento pode ser dado ao final do formulário. Você receberá uma via digital deste documento devidamente assinada para que possa acessá-lo livremente e arquivá-lo.

À disposição para maiores esclarecimentos.

São Carlos, SP. 06 de fevereiro de 2021.

Roseli Esquerdo Lopes

Julia Meirelles Tinti

Laboratório METUIA do Departamento de Terapia Ocupacional
Universidade Federal de São Carlos - UFSCar
Rodovia Washington Luís - km 235 – São Carlos (SP) – CEP:
13565-905 Telefone: 3351-8640 e 3351-8637

Caso concorde em participar e não tenha mais dúvidas, por favor, assinale a opção abaixo para que possamos registrar o seu consentimento livre e esclarecido:

Li e concordo em participar da pesquisa.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. A pesquisadora me informou que o projeto foi embasado na resolução nº510/2016, do Conselho Nacional de Saúde, e aprovado na competência do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSCar, parecer 4.387.548. Caso tenha necessidade, poderá entrar em contato com o Comitê, órgão que tem por objetivo proteger o bem-estar dos indivíduos pesquisados, situado a Rod. Washington Luiz, km 235 - Jardim Guanabara - CEP: 13565-905, São Carlos/SP, ou pelo telefone 01633519685 e e-mail cephumanos@ufscar.br.

6.2 ANEXO B

ROTEIRO DE ENTREVISTA VIRTUAL

Roteiro de Encontro Virtual

Apresentação dos Objetivos da Pesquisa

Nome completo:

Contato:

Formação

- Graduação

Pós-Graduação

- Mestrado Área: IES: Ano:
- Doutorado Área: IES: Ano:

Experiência Profissional e/ou Docente

- Exercício da profissão
 - Locais/Serviços:
 - Grupos populacionais/sujeitos da ação terapêutico-ocupacional:
- Tempos na Docência e Tipo de Instituição de Ensino Superior
 - Para qual(is) curso(s) lecionou:
 - Atividades Desenvolvidas:

Ensino (Níveis, Disciplinas/Unidades, Temas, Áreas);

Pesquisa (Grupos e/ou, Linhas temáticas);

Extensão;

Gestão.

- Comentários sobre a Docência:

Relação com a Rede Metuia

- Histórico, trajetória, atividades/experiências;
- Sobre as ações e aportes da Rede Metuia e do Núcleo ao qual pertence, se for o caso;
- Sujeitos e/ou públicos para os quais se voltam tais ações e aportes;
- Proximidade da Rede METUIA com as juventudes:
 - É um público prioritário?

- Se sim, quais seriam as razões.
- Se não, quais seriam as razões.
- Proximidade da Rede METUIA com as infâncias:
 - É um público prioritário?
 - Se sim, quais seriam as razões.
 - Se não, quais seriam as razões.
- Sobre a terapia ocupacional social e as infâncias, principalmente as infâncias vulneráveis.
- Quais ações acredita que seriam possíveis com a população infantil
- Outros Comentários, Questões, Observações